

NARRATIVAS SOBRE A DOCÊNCIA NO CONTEXTO DA PANDEMIA: EXPERIÊNCIAS DE RESISTÊNCIA E ESPERANÇA

■ ANA PAULA SANTOS LIMA LANTER LOBO

<https://orcid.org/0000-0003-0325-8341>

Universidade Federal Fluminense – Universidade Estácio de Sá

■ JOELMA DA CONCEIÇÃO DA SILVA HENRIQUE E SOUZA

<https://orcid.org/0000-0002-7758-3019>

Universidade Federal Fluminense

■ ADRIANA PIRES DE AREZZO

<https://orcid.org/0000-0002-3885-1535>

Universidade Federal Fluminense

■ VERÔNICA FABIOLA NEVES RODRIGUES

<https://orcid.org/0000-0001-9657-5850>

Universidade Federal Fluminense

■ PENHA MABEL FARIAS DO NASCIMENTO

<https://orcid.org/0000-0002-9518-5516>

Universidade Federal Fluminense

■ ANDREIA VIANA DA SILVA DINIZ

<https://orcid.org/0000-0002-0824-6350>

Universidade Federal Fluminense

RESUMO

O artigo visa apresentar tessituras de narrativas de professoras no contexto da pandemia da covid-19 no Brasil, em um esforço individual e coletivo de dar sentido ao vivido, trazendo diferentes experiências de vida e formação em situações diversas da docência. Nesse sentido, por meio da escrita narrativa, as histórias constroem-se em articulação com a materialidade dos contextos imediatos dos grupos restritos: família, escola e trabalho, os quais vêm contribuindo para a construção de nossa cultura docente: ideias, crenças e percepções. Para isso, os relatos sinalizam processos formativos e educacionais sobre a perspectiva da pesquisa narrativa (auto)bio-

gráfica como investigação teórica e metodológica, buscando refletir sobre as condições de vida pessoal e profissional de cada professora como exercícios de resistência e produção de novas experiências para sua profissão. Buscou-se as contribuições de Nóvoa, Benjamin, Josso, entre outros pesquisadores, sobre a formação de professores, o conceito de experiências e narrativas como processos formativos. As narrativas revelaram que embora nossas experiências sejam com segmentos diferentes da educação, elas nos unem e nos fazem constituir uma comunidade narrativa. Desafiadas pelo exercício da docência durante a pandemia, nos reinventamos, nos conectamos e produzimos novos sentidos para a docência.

Palavras-chave: Pandemia. Docência. Resistência. Pesquisa narrativa.

ABSTRACT

NARRATIVES ABOUT TEACHING IN THE CONTEXT OF THE PANDEMIC: EXPERIENCES OF RESISTANCE AND HOPE

The article aims to present what we'd call weaves of teachers' narratives in the context of the Covid-19 pandemic, in Brazil, in an individual and collective efforts, giving meaning to the lived, bringing, also, different life experiences and training in different teaching situations. That way, through narrative writing, stories are constructed in conjunction with the materiality of the immediate contexts of the restricted groups: family, school and work, which have contributed to the construction of our teaching culture: ideas, beliefs and perceptions. The reports signal training and educational processes on the perspective of (self) biographical narrative research as a theoretical and methodological investigation, seeking to reflect on the personal and professional life conditions of each teacher as resistance exercises and the production of new experiences for her profession. We sought the contributions of Nóvoa, Benjamin, Josso, among other researchers, on teacher training, the concept of experiences and narratives as formative processes. The narratives revealed that although our experiences are with different segments of education, we are united and constitute a narrative community. Challenged by teaching during the pandemic, we reinvented ourselves, connected and produced new meanings for teaching.

Keywords: Pandemic. Teaching. Resistance. Narrative Research.

RESUMEN **NARRATIVAS SOBRE LA DOCENCIA EN EL CONTEXTO DE LA PANDEMIA: EXPERIENCIAS DE RESISTENCIA Y ESPERANZA**

El artículo tiene como objetivo presentar conjuntos de narrativas de docentes en el contexto de la pandemia de Covid-19 en Brasil, en un esfuerzo individual y colectivo para dar sentido a lo vivido, presentando diferentes experiencias de vida y capacitación en diferentes situaciones de la docencia. En este sentido, a través de la escritura narrativa, las historias se construyen en conjunto con la materialidad de los contextos inmediatos de los grupos restringidos: familia, escuela y trabajo, con lo que han estado contribuyendo la construcción de nuestra cultura docente: ideas, creencias y percepciones. Con este fin, los informes señalan procesos de capacitación y educación en la perspectiva de la investigación narrativa (auto)biográfica como una investigación teórica y metodológica, buscando reflexionar sobre las condiciones de vida personal y profesional de cada profesora como ejercicios de resistencia y la producción de nuevas experiencias para su profesión. Buscaron las contribuciones de Nóvoa, Benjamin, Josso, entre otros investigadores, sobre la formación de profesores, el concepto de las experiencias y de las narrativas como procesos formativos. Las narraciones revelaron que, aunque nuestras experiencias son con diferentes segmentos de educación, ellas nos unen y nos hacen constituir una comunidad narrativa. Desafiados por el ejercicio de la docencia durante la pandemia, nos reinventamos, conectamos y producimos nuevos significados para la docencia.

Palabras clave: Pandemia. Docencia. Resistencia. Investigación narrativa.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo narrar sobre o exercício da docência no contexto da covid-19 no Brasil, a partir das contribuições da pesquisa narrativa (auto)biográfica que propõe uma nova epistemologia da formação. De acordo com Bragança (2012, p. 74), o aporte teórico-metodológico desta pesquisa propõe: “[...] a possibilidade de escuta das vozes silenciadas, em que investigadores e sujeitos da pesquisa têm o lugar da fala e, também, em alguns casos, da interpretação”. A partir de nossas narrativas, resgatamos vozes, memórias,

fatos, pessoas, sentimentos, gostos e sentidos sobre a formação de professores ao longo das nossas próprias histórias docentes.

Para isso, propomos a conversa enquanto procedimento metodológico, como espaço-tempo de interlocução e interação como a partilha de uma inquietação comum, uma experiência narrativa que rompe, de certo, com o modelo clássico, positivista. Para Sampaio, Ribeiro e Souza (2018, p. 36):

A conversa é, talvez, de alguma maneira mediada pela arte de se fazer presente, de dar o

tempo, isto é, de se colocar disponível a ouvir, a escutar, a pensar e partilhar com o outro o que nos habita, fazendo dessa ação não só uma possibilidade de investigação, mas, antes, de transformar-se no próprio ato de investigar [...].

Nossas conversas ocorreram remotamente, permitindo uma escuta sensível identificações, exercícios de alteridade e produções de sentidos coletivos diante da história ouvida ou narrada. No momento da pandemia, nossas imersões nos relatos do outro social nos dava a sensação e a percepção de estarmos juntos, conectados.

Assim, por meio da escrita narrativa, escrevemos contando nossas histórias em articulação com a materialidade dos contextos imediatos dos grupos restritos (família, escola e trabalho), os quais contribuíram para a construção de nossa cultura docente (ideias, crenças e percepções). Ferrarotti (2014) enfatiza que para compreender o processo que produz a pessoa em um grupo social ou sociedade em dado contexto sócio-histórico é preciso focar nas mediações que engendraram cada indivíduo, cada vida, conflitos, contradições, entre outros aspectos. Ele enfatiza a necessária identificação de quais grupos restritos (ou primários) foram mais importantes como espaços de mediação entre a estrutura social (o macro) e os indivíduos.

Em nossas narrativas, cada pesquisadora fala de si sem perder de vista o “nós” na partilha dos sentidos e experiências que não só nos singularizam, bem como, nos aproximam no que há de comum e universal. Ferrarotti (ibid. p. 51) afirma: “Um homem nunca é um indivíduo; seria melhor chamar-lhe um universal singular: totalizado e, por isso mesmo, universalizado pela sua época, retotaliza-a reproduzindo-se nela enquanto singularidade [...]”. Como membros de um grupo de pesquisa em uma universidade pública no programa de pós-graduação *stricto sensu*, compreendemos

a pesquisa narrativa como uma importante referência metodológica em nossas investigações. Somos um grupo inter e multidisciplinar de estudos sobre a questão de processos institucionais de formação inicial e continuada de professores nos diferentes níveis da Educação Básica e do Ensino Superior. O fio condutor que articula os diferentes projetos desenvolvidos no grupo é a narrativa, como perspectiva epistemológica e metodológica na sua abordagem (auto)biográfica, de histórias de vida, memorial de formação, entrevistas narrativas, entre outras.

Atualmente, estamos vivendo um momento excepcional, repleto de incertezas, que vem exigindo de toda sociedade atitudes emergenciais. Nossas rotinas, nossos modos de ser e estar no mundo foram profundamente afetados pelo isolamento social que se coloca como forma mais eficaz de prevenção à vida diante de uma pandemia. Não há um segmento, um setor sequer da vida que não tenha sido alvo das repercussões desse evento. As relações pessoais, sociais, culturais, econômicas, políticas, sanitárias e educacionais passaram e continuam passando por processos de mudanças nunca imaginados.

No âmbito da educação escolar, vivemos um grande impasse que se coloca dentro do que é público e do que é privado, da cultura escolar e da cultura familiar. Esses espaços quase se fundiram, misturando-se em tarefas acadêmicas e domésticas, e tantos outros fazeres que surgiram com o isolamento. O tempo é outro e estar em casa não significa que as horas nos sobram. Mudanças bruscas nos trouxeram tensões, colocando-nos em confronto com tantas incertezas e fragilidades como o medo da doença, da morte, do desemprego, condições econômicas precárias, novos cuidados e hábitos de saúde, entre outros.

As narrativas que seguem, ressaltam em cada experiência docente a singularidade das

sensações e percepções que estamos vivendo, nesse momento da pandemia na relação com outros sujeitos e no atravessamento com diversas situações no contexto da educação. Na sequência das narrativas, apresentamos seis realidades de professoras que vêm se reinventando na docência em diferentes segmentos educacionais.

Experiências no trabalho docente no Ensino Fundamental com alunos da escola pública em tempos de pandemia

Relato, neste momento, a minha experiência¹ em duas redes municipais, que mudou minha rotina de professora e trouxe muitas reflexões, angústias, medos e novos aprendizados neste período de pandemia. Com certeza não sairei desse distanciamento social igual como era antes deste “novo normal” e a narrativa é, certamente, uma forma de registrar, de refletir e de pensar sobre o que estou vivenciando. Segundo Benjamin (2012, p. 115), “[...] qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós?”. Essa experiência única que estou vivenciando precisa ser registrada para que no futuro, quando tudo isso passar e ficar bem longe, outras pessoas que não vivenciaram essa pandemia possam ter conhecimento sobre este tempo difícil que estamos passando. A nossa geração nunca havia passado por isso, em outras épocas, doenças como a peste do século XIV retratada por Boccaccio (2003), no livro *Decamerão*, destruíram muitas vidas. “Esta peste foi de extrema violência, pois ela atirava-se contra os sãos, a partir dos doentes, sempre que doentes e sãos estivessem juntos” (ibid., p. 190). O contágio da covid-19 é muito parecido com a peste descrita por Boccaccio. Eu não vivi esse tempo e o

que sei dele é através da leitura, das narrativas desses autores que relatam esses acontecimentos e que até bem pouco tempo parecia uma história muito antiga e longe da minha realidade.

Josso (2010, p. 197) fala que “[...] a escrita da narrativa e a reflexão sobre esta é um momento importante na designação do que foi formador num percurso, mas esse momento é tornado possível graças a uma atividade anterior em torno da elaboração da narrativa [...]”. Assim, apesar do momento em que estou vivendo, está sendo um período de experiências e formação para mim e para os professores de um modo geral. Por isso, a importância de narrar falando da minha experiência como professora do primeiro e segundo segmentos do Ensino Fundamental neste período de pandemia nas escolas onde trabalho.

Eu deixei a escola na sexta-feira para voltar na segunda-feira e ainda não voltei; foi tudo muito rápido! Nos primeiros 15 dias, fiquei tentando entender o que estava acontecendo, ouvindo e lendo os noticiários, parecia que estava num pesadelo daqueles que passam nos filmes; medo e incertezas, na verdade, acreditava que após aquelas duas semanas voltaria a trabalhar.

Aos poucos, fui percebendo que esse distanciamento da escola e das pessoas iria permanecer por mais tempo, não voltaria logo como imaginei. Os 15 dias foram prorrogados e eu perdida sem saber o que fazer. Em uma das escolas da rede, onde trabalho como professora de apoio especializado, a diretora pediu ajuda na distribuição de cestas básicas que a prefeitura havia disponibilizado para os alunos. Para isso, ela criou grupos de WhatsApp e cadastrou os responsáveis das crianças por ano de escolaridade para passar as informações sobre a distribuição das cestas e notícias oficiais da rede. Esse trabalho ocupou-me e me fez pensar nas famílias dos alunos, a maioria

¹ Relato da professora Joelma da Conceição da Silva Henrique e Souza.

muito vulnerável economicamente, tentando ajudá-los naquele momento. Foi um trabalho árduo, mas valeu a pena! Segundo Josso (2010, p. 197), as atividades em que nos envolvemos “[...] requer a combinação de um número mais ou menos importante de saber-fazer e de saberes que tivemos de adquirir, manusear e adaptar à variabilidade dos contextos da prática”. Essa citação me ajuda a pensar sobre o meu envolvimento enquanto professora nas diversas atividades que este tempo de isolamento social me proporcionou.

No início de maio, a mesma rede propôs que nós professores, gravássemos pequenos vídeos explicando sobre a prevenção à covid-19 e, também sobre a saudade que estávamos sentindo dos alunos. Era uma forma de manter o vínculo dos alunos com a escola e com os professores para que conseguíssemos passar por esse período sem grandes prejuízos. Eu fiz o vídeo e enviei por WhatsApp para os responsáveis dos alunos. Alguns retornaram logo, outros demoraram, e eu precisei insistir e perguntar se estava tudo bem. Chamava essas famílias no privado para saber o que estava acontecendo. Tem sido um trabalho cansativo, persistente, sem dia e nem horário, pois tentava o contato com eles aos sábados, domingos e feriados, durante o dia ou à noite. O importante era tentar manter o vínculo com os alunos e com as famílias. Consegui com a maioria deles. É tudo muito novo para mim, estou aprendendo a lidar com as novas ferramentas educacionais e me reinventar como professora. Como Nóvoa diz (1999, p. 29), “[...] os professores têm que reencontrar novos valores, que não renequem as reminiscências mais positivas (e utópicas) do idealismo escolar, mas que permitam atribuir um sentido à ação presente [...]”. Penso que é isso o que eu estou tentando fazer neste tempo de pandemia em que estou longe da sala de aula, procurando dar um sentido para meu trabalho, minha vida e para meus alunos.

Na outra rede em que eu trabalho, comecei com as aulas remotas, sem saber bem como fazer isso, afinal não fui preparada para esse tipo de aula. Apesar da falta de preparo, precisei aprender e a compreender as novas tecnologias devido às circunstâncias pela qual fui acometida, o que não deixa de ser uma formação para mim e para os professores, pois estamos em constante aprendizado. Assim que comecei com o trabalho remoto nessa escola, como na outra rede onde leciono, também não recebia retorno dos alunos. Precisei insistir e fazer contato com os seus responsáveis conscientizando-os da importância da interação com a escola. Aos poucos, os alunos começaram a responder, realizar as atividades propostas, ou falar de suas dificuldades. Verificamos que muitos não tinham computadores e nem acesso a uma boa internet e nem celular em casa dificultando a rotina de estudo. Em outros casos, alguns alunos, não tinham a família disponível para orientá-los.

Nesse contexto pandêmico, não são só as crianças que estão sofrendo com o isolamento social, os professores também estão sofrendo as consequências desse distanciamento. Tentei me distrair através de jogos pelo celular, compartilhando poesias, leituras, trocando receitas, falando das minhas angústias e medos. Muitos colegas professores estão sofrendo com insônia, precisando tomar medicamentos para dormir, vivendo dias de incertezas e tristezas.

Nesse contexto, as atividades remotas estão muito desgastantes, não tenho mais horários e dias fixos de trabalhos, estou o tempo todo montando aulas, vídeos, participando de reuniões, atendendo aos pais pelo WhatsApp e ao mesmo tempo cuidando da minha casa e da minha família. Estou trabalhando muito, mais do que quando estava na escola. Não tem sido fácil e nem sempre consigo chegar ao fim das inúmeras tarefas. Tenho expressado minhas

angústias com outras professoras e percebo que elas estão com as mesmas dificuldades: medo do futuro, medo de morrer, crises de ansiedade, dor pela perda de amigos e familiares, sentindo muita falta do trabalho, dos alunos, dos amigos e da vida como era antes.

Dilemas do processo formativo no Curso Normal em tempos de isolamento: diálogos em rede

Ao ler a narrativa da professora acima sinto-me² num círculo de palavra dada e de escuta (MARINAS, 2007) que me possibilita uma tessitura potente de interpretações. Nesse mesmo entusiasmo e implicação, sigo meu relato. Venho potencializando e dedicando maior atenção às narrativas. Narrar é uma arte pela qual expressamos muitas formas de dizer a vida que nos circunda numa relação aprofundada com os outros, mas sobretudo consigo mesmo. Por isso, durante o confinamento não me privei do ato de ouvir, tomada por uma preocupação maior do que a com o ato de ensinar. Ouvir nesse momento é indispensável à tarefa docente!

Muitas experiências têm nos atravessado. Uma rede de histórias vem sendo tecida por sujeitos que habitam o espaço escolar, agora desprovido de sua tradicional estrutura física e abrigado em espaços virtuais. Mais do que nunca é preciso ouvir. Lembro-me de Benjamin (2012, p. 205) quando diz que “[...] quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido [...]”. Esse ouvir aponta a necessidade de parar, de forma que aquilo que escuto possa impactar e transformar-me.

Sou professora das disciplinas pedagógicas no curso de formação de professores, na modalidade Normal, atuo com a disciplina “Prática Pedagógica e Iniciação à Pesquisa” em uma

2 Relato da professora Andreia Viana da Silva Diniz.

instituição pública de educação. Nesse espaço de docência, tenho acompanhado, ao longo desses meses de isolamento, inúmeras situações que me convidam a reinventar e refletir sobre minha prática docente.

Assim que me certifiquei que todo nosso trabalho docente se daria de forma remota, através da plataforma Google Classroom, busquei, imediatamente, o contato telefônico de meus 32 alunos. Estabeleci, a partir daí, um canal de escuta com cada um deles. Enquanto escrevo esse parágrafo me lembro de uma *live*³ na qual Antônio Nóvoa dizia:

Não podemos nos abandonar uns aos outros. Não podemos deixar de recorrer a todos os instrumentos que temos à nossa disposição para nos mantermos ligados. [...] se abandonarmos nossos alunos nessa situação, no futuro eles não terão confiança em nós. (NÓVOA, 2020)

E nesse intuito, busquei mapear suas dificuldades de acesso à internet e do uso de mídias e tecnologias; convidei-os para planejarmos coletivamente nossas ações de forma que ninguém ficasse excluído, sem conseguir participar e entregar as atividades solicitadas. Para além das dificuldades tecnológicas, ficou evidenciado também crise econômica e emocional. Esse primeiro contato foi elucidador.

Diante disso tudo, fui chegando à conclusão de que outros meios para entrega desse material precisavam ser disponibilizados. Assim, sugeri o envio por endereço eletrônico, via WhatsApp ou até mesmo via correio, caso fosse possível. Mesmo para aqueles que conseguiam acessar, a situação não era fácil. Muitos estavam tomados pelo desânimo porque já não viam mais sentido em um curso de formação de professores de forma distanciada e sem a mediação dialógica presencial. Vários, cogitaram até o abandono.

O cumprimento da carga horária dos está-

3 Fala proferida em *live* no canal do YouTube no dia 06 de abril de 2020.

gios, das visitas e atividades culturais que fazem parte da grade curricular do Curso Normal ficou comprometido. Ainda que eu não meça esforços para viabilizar outras formas de experiências e aprendizagens, mesmo que de maneira remota, continuo a defender a ideia de que a educação se faz sobretudo de forma presencial. A tecnologia tem muito a acrescentar, mas nada muda a dimensão da presença física, da interação e da interlocução.

Muito se ouviu e ainda se ouve discursos onde afirmam que as práticas pedagógicas precisam se alinhar com as inovações tecnológicas possibilitando uma maior atratividade e incremento das aulas. Porém, tal argumento não tem se sustentado. Todo esforço de alguns colegas em relação a isso não foi suficiente para despertar o interesse dos alunos, nem mesmo daqueles que possuíam conexão de internet; a discussão vai muito além disso. O professor não é o único sujeito nesse processo, mas continua sendo um agente importantíssimo como mediador das aprendizagens.

Por outro lado, é inegável que o professor precisa refletir sobre a importância das tendências tecnológicas que se fazem necessárias nas mais variadas situações; mas insisto na relevância do fato de que a docência é uma profissão de relações humanas; que não basta pensarmos em experiências que conectem ao ensino presencial e remoto; enquanto o direito de acesso às novas mídias e tecnologias não for garantido para todos.

Pensar a formação de professores de forma remota tem sido um grande desafio. Como nos constituir sem essa relação com outros sujeitos tão importantes e defendida por nós educadores? Creio que sem a interação presencial isso não ocorrerá de forma plena. Estamos sujeitos presentes, contudo, vivendo experiências do tempo pela memória do passado de um curso, que neste momento não é possível. Isso nos afeta e nos fragiliza.

Por vezes, entro nas salas virtuais, percebo minha turma de alunos ali, do outro lado, e não posso tocá-los, não posso senti-los e nem me aproximar deles, apenas vejo suas imagens ofuscadas por uma tela. Começamos sempre com uma boa conversa e, aos poucos, vou vendo cada um ocultando suas faces como num movimento de silenciamento. Defino como cena e, automaticamente, lembro-me de Marinhas (2007), quando diz que os sujeitos se constituem no relato de muitas maneiras e uma delas é o silêncio, as pausas, o não dito como forma de exprimirem suas histórias de vida. O silêncio que, segundo Bragança (2012, p. 86),

[...] remete a elaboração interna da tessitura de intrigas ou a efetiva censura e corte no discurso. Experiências de dor, perda, sofrimento ou experiências delicadas que envolvem os muitos outros de nossas histórias remetem o narrador ao silêncio, a pausa ou a efetiva censura.

São silêncios que revelam medo, insegurança, frustração e desânimo de um ano que não foi. Tal cenário me traz outras exigências que transcendem o papel, a caneta, o quadro, as concepções metodológicas, as grades curriculares, os saberes produzidos academicamente, porque esses já não dão conta, já não respondem ao problema que está diante de nós.

Por hora, me cabe o diálogo sincero e aproximado com meus alunos: o afeto, a empatia, a reflexão do contexto que estamos vivendo, a elaboração de planejamento compartilhado, levando em consideração as dificuldades e especificidades do grupo. Um trabalho baseado numa concepção de currículo integrada à dimensão humana e que possa trazer ao debate temas de grande relevância como: desigualdades sociais, pobreza, preconceito, direito à saúde, importância da ciência dentre tantos outros pertinentes ao atual momento. Incentivo-os à permanência, nunca à desistência. Impulsiono-os a voos, porque tudo isso vai pas-

sar e que apesar das gaiolas, nós educadores, somos almas passarinhas sempre à procura de liberdade.

Experiências, diálogos e reflexões sobre a formação docente em tempos de pandemia

“O senhor [...] mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto! que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam, verdade maior. E o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão” (GUIMARÃES, 1967, p. 45). Como na fala de Riobaldo e nas narrativas de minhas companheiras de profissão ao longo deste trabalho, percebo⁴ que as pessoas estão sempre em construção, mudando, transformando suas ações, seus sentidos, seus valores, suas vidas, e é desse jeito que me sinto em relação ao momento presente, repensando e resignificando os sentidos, as ações, as relações e a prática docente.

O isolamento social nos trouxe a reorganização do cotidiano, das atividades diárias, das rotinas de trabalho e no meu caso da atividade docente que desempenho em uma instituição privada de ensino superior em um curso de Pedagogia. Em um curto espaço de tempo, tivemos que dominar ferramentas digitais de ensino remoto; a tecnologia se tornou um problema a ser enfrentado, com vários questionamentos. Por outro lado, os alunos também chegaram nas aulas remotas cheios de dúvidas, angústias e incertezas, alegavam que não conseguiriam acompanhar as aulas e acessar os materiais, porque não tinham uma internet de banda larga e não possuíam equipamentos para esse fim. Nesse cenário difícil, as aulas remotas se constituíram em espaço de construção, troca e parti-

lha das angústias e dificuldades de alunos e professores, tornaram-se um espaço de experiências formadoras, constituídas a partir das nossas vivências. Vivências que nesse espaço se constituíam em experiências coletivamente partilhadas, tal como nos aponta Josso (2010, p. 48) “vivemos uma infinidade de transações, de vivências; essas vivências atingem o status de experiências a partir do momento que fazemos certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido”.

Nesse espaço de experiência de formação das aulas remotas, nos nossos encontros semanais, ao final da aula, combinamos conversar sobre as experiências de formação que estávamos vivenciando naquele momento; o que estavam sentindo, e de que forma o isolamento social estava afetando o seu processo de formação. As conversas foram possibilitando a escuta, a atenção às diferenças, à singularidade dos cotidianos vividos nos provocando a viver a experiência de pensar(se) com o outro. (RIBEIRO, SOUZA e SAMPAIO, 2018). Nas conversas, ao compartilharmos o que nos afligia, podíamos questionar ideias e concepções, pensar e pesquisar juntos. A conversa possibilitou pensarmos algumas questões e discussões que foram sendo tecidas nesse espaço de experiência e de pesquisa; se constituiu em uma proposta metodológica que reafirma a potência das narrativas e do encontro com o outro como procedimento de pesquisa e formação que busca estreitar os diálogos com os sujeitos.

Trabalhar com narrativas na pesquisa e/ou no ensino é partir para desconstrução/construção das próprias experiências, tanto do professor/pesquisador como dos sujeitos da pesquisa e/ou do ensino. Exige que a relação dialógica se instale criando uma cumplicidade de dupla descoberta. Ao mesmo tempo em que se descobre o fenômeno no outro, eles revelam-se em nós. (CUNHA, 2010, p. 200)

⁴ Relato da professora Adriana Pires de Arezzo.

Após algumas semanas de conversas e reflexões sobre a sua formação, propus aos alunos que produzissem narrativas escritas a partir dessa experiência. A maior parte dos alunos nunca tinha realizado esse exercício de escrever sobre as suas experiências e vivências cotidianas em uma situação específica, refletindo sobre e como diferentes acontecimentos excepcionais poderiam e estavam afetando a sua vida. Ao organizar as suas ideias para a narrativa escrita, o aluno foi reconstruindo a sua experiência com todo cenário socioeconômico caótico de forma reflexiva, uma “autoanálise” da sua prática e formação. Com as narrativas, puderam compreender a si e aos outros, colocando em dúvida crenças, preconceitos, ressignificando sua formação e o seu aprendizado. Em várias narrativas encontramos a importância de repensar sobre a própria formação e como essa “escrita de si” pode ressignificar atitudes, valores e comportamentos implicados na sua docência. A produção das narrativas possibilitou aos alunos pensarem sobre como as mudanças nas condições sociais exigem de cada um de nós a necessidade e a possibilidade de tomarmos consciência da nossa formação, a compreendermos de forma crítica e reflexiva que estamos em constante transformação; as narrativas se constituíram como um facilitador de uma autocompreensão dos nossos processos de formação. É nesse sentido que o aporte metodológico da pesquisa narrativa (auto)biográfica produz significado e sentido para a compreensão das mais diversas experiências de formação.

O método (auto)biográfico é uma via passível de produzir conhecimentos que favoreçam o aprofundamento teórico sobre a formação do humano e, enquanto prática de formação, conduzir o diálogo de modo mais proveitoso consigo mesmo, com o outro e com a vida. (NÓVOA, 2010, p. 14).

A produção das narrativas atuou como procedimento de pesquisa, ao mesmo tempo que

permitiu compreender a própria formação, pois os alunos contaram suas vivências, experiências, crenças, expectativas e foram apresentando intenções, desejos e possibilidades futuras, o vivido e o que estava por viver; a escrita sobre uma realidade que pode afetar essa mesma realidade. Com as narrativas, os alunos se tornaram visíveis para si mesmos. E esse processo de (auto)formação também se estabeleceu com a professora/pesquisadora que produziu e está produzindo narrativas durante esse período da “pandemia”; narrativas permeadas de experiências de formação. O meu trabalho docente foi atravessado por um crescente processo de ressignificação do saber fazer. Eu precisei aprender todas essas novas formas de “dar aula” “dando aula”, ou seja, durante os momentos de formação dos meus alunos, eu também estava me formando; eu também estava aprendendo, integrando o meu aprendizado com o aprendizado de cada um deles, dando novos significados à minha prática docente, repensando os caminhos que estavam sendo construídos coletivamente. O trabalho com as nossas narrativas possibilitou o estudo das relações que se estabelecem entre as experiências, o processo de formação e a atuação docente e como estes são elementos centrais para o desenvolvimento do aporte (auto)biográfico de pesquisa. Eu, enquanto formadora, me formei na relação com os meus alunos em uma aprendizagem conjunta articulando afetividade, sensibilidade e intencionalidade à minha formação e à de meus alunos em um processo de (trans)formação; e isso me alegrou e me fascina muito.

Reflexões sobre a covid-19 na Educação Infantil: a infância no isolamento social

A inspiração e os sentidos que minhas companheiras de profissão docente trazem neste

texto, são momentos de partilha de experiências que me ajudam⁵ na compreensão deste presente atípico que estamos vivendo por causa da covid-19. Cada uma parte de suas singularidades, que estão imbricadas nas relações históricas e nas estruturas sociais do século XXI, momento histórico que vivemos. Isso nos impõe uma reflexão que tenta apurar os sentidos da experiência social que a epidemia nos impele. Como nos ensina Ferrarotti (2014, p. 42),

O indivíduo não é epifenômeno do social. Em relação às estruturas e à história de uma sociedade, coloca-se como um polo ativo, impõe-se como uma práxis sintética. Mais do que refletir o social, apropria-se dele, mediatiza-o, filtra-o e volta a traduzi-lo, projetando-se numa outra dimensão, que é a dimensão psicológica da sua subjetividade.

A rotina dos meus dias de confinamento tem sido atravessada por momentos de perplexidade em meio ao novo modo de viver que se apresenta, gerando inseguranças e incertezas acerca da possibilidade de retomarmos. Nos primeiros dias de confinamento, a sensação que tinha era a de estar presa em um sonho ruim ou em um enredo de filme hollywoodiano sobre desgraças mundiais.

A construção de narrativas tem um efeito de nos ajudar a entender as transformações que estamos vivendo, são ferramentas essenciais para compreensão dos fatos e das subjetividades. Como nos diz Benjamin (2012, p. 200) em seu texto “O Narrador” sobre a natureza da verdadeira narrativa:

Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa qualidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se ‘dar conselhos’ parece hoje algo

tão antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis.

Apesar de vivermos em um tempo que aconselhar está cada vez mais em desuso, as narrativas de experiências têm em si este lugar de utilidade que “[...] o conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” (ibid.). As narrativas e suas ressignificações da realidade nas práticas coletivas nos ajudam a resistir e compreender, no exercício de nossas atividades laborais e pessoais, as situações atípicas como, por exemplo, a pandemia.

Trabalho em uma Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) em uma comunidade de baixa renda. No último dia de trabalho, não consegui me despedir das crianças. A coordenadora pedagógica junto com a diretora, através de reuniões *on-line*, convocou os professores para pensar em formas de interações efetivas com as crianças e suas famílias. Depois de várias sugestões, foi criada uma revista direcionada para as crianças e seus pais, com dicas de atividades pedagógicas e informações sobre a covid-19; também foram elaborados pela equipe pedagógica vídeos com dicas de atividades lúdicas e conversas com as crianças sobre o momento atual. A revista é socializada através do Facebook e cada professor pode escolher a forma que deseja para fazer a interação com as crianças, ajudando na criação/manutenção da revista e na produção de vídeos para as crianças e as famílias.

Em relação à infância e suas especificidades, Vigotski (2010) nos ensina que há a necessidade dos estímulos que advêm do outro e que a intervenção pedagógica é fundamental para o desenvolvimento do homem e de sua capacidade de criação, que se inicia por sua atividade imaginativa que começa a operar na infância.

Para o autor, o processo de apropriação da cultura pela criança enriquece e ressigni-

5 Relato da professora Verônica Fabiola Neves Rodrigues.

fica suas experiências com seus pares, promovendo uma nova orientação ao curso do seu desenvolvimento, passando a ter um sentido de construção e não apenas de um processo espontâneo.

[...] estabelece forte ligação entre o processo de desenvolvimento e a relação do indivíduo com seu ambiente sócio-cultural e com sua situação de organismo que não se desenvolve plenamente sem o suporte de outros indivíduos de sua espécie. (OLIVEIRA, 1997, p. 61).

Assim, penso que esse momento para as crianças não deve estar sendo fácil, sua rotina foi modificada por um confinamento de forma abrupta. Para elas, é muito complicado mudanças de uma hora para outra, pois, o processo de interação exige tempo para que produzam experiências que irão favorecer o seu desenvolvimento.

Ao final da minha narrativa, deixo pelo caminho algumas reflexões: como a relação da criança pequena através de uma tela de computador ou celular pode proporcionar o seu pleno desenvolvimento sem a experiência das interações e das brincadeiras vividas com seus pares? Como os professores poderão avaliar esse processo se não estão interagindo com as crianças e observando o seu desenvolvimento em seus diferentes aspectos? De certo, todas essas questões que deixo para reflexão estarão presentes nos diferentes fazeres que reinventamos na pandemia com as crianças e suas famílias.

Vida e formação em encontros remotos na universidade e no coletivo de Educação Infantil: reinventando práticas na busca de novas experiências em tempos de pandemia

Assim como as narrativas anteriores das mi-

nhas colegas professoras, atualmente, venho me reinventando no exercício diário de ser professora e pesquisadora no campo da Educação Infantil e Formação de Professores, em diálogo com a pesquisa narrativa (auto)biográfica – abordagem investigativa instigante que vem me permitindo protagonismo e reinvenção no exercício de compreender e dar sentido ao meu percurso de vida e formação, numa perspectiva formadora e autoformadora. Nóvoa (2010, p. 153), um autor que lemos muito em nossos encontros de pesquisa, diz que as histórias de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento atual que “procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia que [...] ninguém forma ninguém e que a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida”.

O poeta Manoel de Barros (1999), vivo em minhas memórias, convida-me em diferentes momentos de minha vida a pensar sobre o que dizia no início de suas prosas com seus amigos em casa: “Tudo que não invento é falso” (ibid., s/p.). Isso me faz pensar sobre a experiência de escrever este texto em muitas mãos. Nosso artigo é uma invenção, carregado de verdade e esperança, no momento de reinvenção das nossas vidas, dos nossos cotidianos, das nossas histórias e do nosso trabalho. O poeta dizia mais ou menos assim: “Tudo que inventamos, criamos precisa ter inteireza, vida, viço, só assim se torna verdade, não caindo no esquecimento nem para quem escreve, nem para quem lê [...]” (ibid., s/p.).

Em seu livro, *Exercícios de ser criança* (1999), narra a história de um menino que carregava água na peneira. Em certo trecho do livro, ele conta:

A mãe disse que carregar água na peneira era o mesmo que roubar um vento e sair correndo com ele para mostrar aos irmãos. A mãe disse

6 Relato da professora Ana Paula Santos Lima Lanter Lobo.

que era o mesmo que catar espinhos na água. O mesmo que criar peixes no bolso. O menino era ligado em despropósitos. Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos. A mãe reparou que o menino gostava mais do vazio do que do cheio. Falava que os vazios são maiores e até infinitos. Com o tempo aquele menino que era cismado e esquisito porque gostava de carregar água na peneira descobriu que escrever seria o mesmo que carregar água na peneira. No escrever o menino viu que era capaz de ser noviça, monge ou mendigo ao mesmo tempo. O menino aprendeu a usar as palavras. Viu que podia fazer peraltagens com as palavras. E começou a fazer peraltagens. (BARROS, 1999, p. 9).

Vejo, cada uma de nós, mulheres, encarnadas no papel de professoras e pesquisadoras no campo da educação e da formação de professores, como o menino do poeta, ligadas pelos despropósitos de uma doença que chega silenciosa e avassaladora, dizimando vidas e sonhos que hoje, neste dia, já somam milhares de brasileiros, entre homens, mulheres, jovens e até crianças. Hoje, assim como na poesia de Manoel de Barros, convivemos com a experiência do isolamento, da falta, do trabalho remoto e solitário, com o silêncio da espera por dias melhores embalados pela esperança e pelas manhãs que chegam todos os dias na vida de cada uma de nós, em que “os vazios são até maiores e infinitos [...]” (ibid., p. 8).

A universidade privada onde leciono no curso de Pedagogia, na semana após a paralisação das aulas, já estava funcionando remotamente com aulas *on-line*. Porém, as aulas no curso de especialização na universidade pública em que leciono como professora colaboradora e as atividades que coordeno, nessa mesma universidade, em uma Pró-Reitoria como técnica em assuntos educacionais, foram suspensas. Hoje nos encontramos com os alunos através de rodas de conversa *on-line*, as *lives* e, também, através de *e-mails*. Sem dúvida, um grande desafio para todos nós. Sempre fui uma professora da presença, do toque, do afeto e

daquelas conversas após o término das aulas, com risadas e brincadeiras. As aulas remotas me trouxeram inicialmente um grande estranhamento, vazio e insegurança.

Com o passar do tempo, nos adaptamos com o caminho possível do encontro, na torcida por dias melhores. A nova forma de lecionar remotamente, mediada pelo computador, vem me despertando questões sobre a reinvenção de tornar-me professora a cada dia. Desse modo, a partir de minhas experiências como pesquisadora e professora em formação permanente, venho refletindo sobre minha trajetória como algo “que passa por mim”, me mobilizando e me fazendo repensar sobre as novas maneiras de relacionar-me com os alunos/profissionais/professores/funcionários nesse momento tão difícil e incerto para todos nós.

Não é fácil narrar sobre minhas experiências e impressões nesse momento de muitas fragilidades, em que uma pandemia chega em nossas vidas sem “bater à porta” e nem “mandar recado”. Sinto a minha escrita travada e pouco ânimo para narrar. Mas, com toda a dificuldade que estou sentindo, em meio à paralisia e à angústia, a minha narrativa vai ganhando vida, sentido e viço de mãos dadas com vocês, que agora estão lendo o meu texto. Exercício de cumplicidade junto aos meus alunos e alunas, aos bolsistas da Universidade, colegas de profissão, e, também, com minhas companheiras do grupo de pesquisa. Experiências que não tenho deixado “escapar pela peneira”. Quando escapa, lá estou eu, assim como o menino do poeta (BARROS, 1999), resgatando o perdido, ressignificando a falta e a ausência, na produção de novos sentidos para o presente, para o agora.

Na medida em que minhas experiências e narrativas tornam-se centrais para que eu prossiga na composição desse texto, escolhi também além das minhas experiências de docente e de técnica na universidade, a minha re-

cente chegada no Coletivo de Educação Infantil. Experiência que vem me permitindo dialogar com muitas de minhas alunas e ex-alunas, hoje professoras, pedagogas e diretoras em instituições de educação infantil em redes públicas, comunitárias e privadas em diferentes contextos e realidades de trabalho. Somos um grupo não institucional, formado por pessoas de diferentes contextos profissionais envolvidas com a Educação Infantil e com a infância. Também estão por lá as famílias das crianças, profissionais de outras áreas que vêm reforçando também o caráter polifônico e interseccional do grupo.

Assim, tanto a experiência dos encontros remotos nas universidades como a experiência no Coletivo de Educação Infantil têm convocado a criança que mora dentro de mim a contar essa história deixando marcas, pistas de uma história de resistência e esperança.

Escrever é experiência, potência para os movimentos da formação: a palavra escrita é um instrumento que estrutura o movimento de reflexão que a produção da narrativa instaura. A escrita é a pauta a partir da qual as/os professoras/es vão percebendo e experimentando situações limites, ampliando suas fronteiras e desatando os nós do medo e da estagnação para produzir/fabricar novos significados para a experiência e o conhecimento. (PEREZ, 2017, p. 23)

Por isso, a possibilidade de narrar para Benjamin (2012) é visitar o passado, na tentativa de buscar o presente em que as histórias se manifestam, trazendo à tona fios, fragmentos que ficaram adormecidos, esquecidos no tempo. As leituras de Benjamin têm me convocado a pensar sobre a “criança em mim”. Memórias que me trazem de volta outras crianças e adultos, relação humana aquecida com amor e cumplicidade.

Seguindo até hoje, minha tentativa tem sido acolher e ser acolhida no encontro com outras pessoas, na partilha de sentimentos, na

escuta sensível, na busca de novas estratégias de comunicação e troca de experiências para seguirmos em frente superando juntos. Narro para continuar existindo, compreendendo, quem sabe, que as dificuldades do tempo presente vêm nos constituindo em pessoas melhores e mais humanas.

A construção de um espaço/ tempo simbólico na Educação Infantil para expressão e reconexão de um coletivo de professores

Na segunda quinzena de março de 2020, a Fundação Municipal de Educação da cidade decretou que as escolas da rede pública permaneceriam fechadas, como parte da política sanitária no combate à covid-19. Como cidadã e pedagoga⁷, de uma instituição de Educação Infantil da rede, pensei que o que estava por vir poderia ser grave. A impressão que tenho é que estamos aqui, como em outros países, tratando ainda dos mesmos problemas: as profundas desigualdades de acesso a bens materiais e culturais; sistemas políticos devastados pela corrupção; uma onda conservadora impondo modos de vida que têm a violência e o preconceito como molas propulsoras.

Penso no sentimento que Benjamin evoca ao tratar do historiador que se identifica com os vencedores, os dominadores da história: a acédia. Uma tristeza que ele denomina como “[...] inércia do coração [...] que desespera de apropriar-se da verdadeira imagem histórica, em seu relampejar fugaz [...]” (BENJAMIN, 2012, p. 225). Fui tomada por uma tristeza que não vê a luz no final do túnel diante do “cortejo triunfal” dos que silenciam e pisam nos vencidos. E, como o anjo benjaminiano da história, fui surpreendida pela tempestade que desconstrói a

7 Relato da professora Penha Mabel Farias do Nascimento.

ilusão de linearidade e progresso contínuo da humanidade.

O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. [...] ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína [...] uma tempestade sopra [...] o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso. (BENJAMIN, 2012, p. 226)

Com a necessidade de distanciamento social, uma grande pausa se instalou no cuidado e educação das crianças nas escolas do município onde trabalho. Fui convocada a realizar um trabalho educativo que buscasse se conectar com os diferentes sujeitos da comunidade escolar. Nesse movimento, a pausa instalada talvez pudesse ser um tempo/espço de formação de professores. A princípio, comecei a me perguntar: como realizar formações docentes no modo remoto e através da tecnologia?

Com a Equipe de Articulação Pedagógica (EAP) da Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) na qual trabalho, pensei na construção de um espaço/tempo para a expressão simbólica das crianças.

Vigotski (2010) atrela a participação do ser humano na cultura a partir do desenvolvimento cada vez mais complexo das funções psicológicas superiores, que ocorre ao longo do seu crescimento e da sua inserção/interação sociocultural. A complexidade daquelas funções ocorre à medida que a aquisição da linguagem em suas diferentes feições – oral, escrita, linguagens expressivas como as artes e o brincar – favorece a utilização cada vez mais consciente dos signos como instrumentos culturais de imersão, participação e expressão simbólica no contexto sócio-histórico do qual faz parte.

Nesse sentido, as linguagens expressivas possibilitariam diferentes formas de narrar e de nos reconectarmos com as crianças da es-

cola após o afastamento de dois meses. Mas, para isso, sentia que precisava acolher as percepções docentes, suas narrativas, criar também para eles um espaço/tempo de expressão das incertezas existenciais e profissionais da nova realidade. Afirmo Terragrosa (2017) que aquele que narra a sua história, quando fala, não conta apenas com as palavras, conta através das expressões faciais, dos gestos que acompanham cada palavra dita, do movimento do corpo que revelam um ser complexo e multifacetado

Delory-Momberger (2012), nessa discussão, enfatiza a função das diferentes linguagens presentes na cultura que contribuem para que cada pessoa seja capaz de produzir sentidos sobre a sua própria trajetória. A pesquisa narrativa (auto)biográfica, desse modo, amplia as formas de narrar e de ouvir e acolher quem narra.

Iniciei em maio de 2020 uma série de formações com os profissionais da educação da escola através de reuniões feitas pela plataforma Zoom. Pensava que a dinâmica da formação deveria contemplar tanto as discussões teóricas como propiciar experiências estéticas, experiências no sentido proposto por Benjamin (2012) e Larrosa (2017), como algo que nos toca profundamente, nos atravessa, nos faz ressignificar concepções e práticas. Ou, como propõe, Barbieri (2017, p. 37): “Todos nós temos experiências estéticas desde que nascemos, porque elas se relacionam com a estrutura que vai se criando, tanto em nosso pensamento como em nossa percepção.”. Ela é constituída pelas texturas, aromas, o que ouvimos e vemos ao longo da vida.

As discussões partiram dos princípios – éticos, políticos e estéticos (da sensibilidade, da criatividade e da ludicidade) – descritos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (2009) que devem ser respeitados. Esses princípios se articulam com a concepção de criança como sujeito, prota-

gonista durante o seu processo de conhecer (apreender) a si mesmo e o mundo à sua volta. Essas concepções oportunizaram a aproximação com as discussões ensejadas pela Pedagogia Relacional materializada nas contribuições do Sistema Educacional da cidade de Reggio Emilia, no norte da Itália. A firma Rinaldi (2012, p. 207) “[...] a ‘pedagogia relacional e da escuta’, que se origina precisamente da ideia de que as crianças são os mais ávidos investigadores do significado e da significância.”

Os encontros formativos passaram a oportunizar as discussões teóricas em relação às práticas experimentadas, singularmente, por cada professor em sua casa e compartilhada em nossas rodas de conversa pela plataforma Zoom. Cada professor compartilhou seus registros fotográficos e, por escrito, relatando suas sensações, percepções e emoções durante as experiências estéticas feitas com carvão, folhas, legumes, flores, argila, entre outros. E de que maneira, tais formas de sentir e perceber, se relacionavam com suas trajetórias formativas tanto na vida como na profissão.

A voz, o relato, de cada sujeito permitiu o conhecimento circular, encharcado das memórias docentes sobre suas formas de se relacionarem com aquelas linguagens e a materialidade dos materiais de artes utilizados. A expressão criativa de cada pessoa foi valorizada e sentida como “pontes” entre a vida e a educação, entre eu e o outro, entre minha forma de pensar/criar e as formas de pensar/criar dos outros. Subjetivamente, estávamos nos encontrando, permitindo a circulação dos saberes, consolidando vínculos e compreendendo o diálogo entre pares como essencial em nosso processo formativo.

Considerações finais

Buscamos, através das narrativas, compartilhar nossas experiências de um tempo difícil,

porém vivo, presente e pulsante. Somos narradoras e na medida com que contamos os fatos que nos tocam, registramos nossas memórias preservando-as do esquecimento. A proposta de escrita desse dossiê trouxe provocações que nos instigaram a tomar o contexto da pandemia da covid-19 como lócus de reflexão, buscando novas maneiras de ser e estar na docência. O olhar para si e poder expor angústias, tristezas, medos e incertezas foi um movimento que nos aproximou. Produzimos saberes, conhecimentos, mas sobretudo criamos a possibilidade de que nossas histórias possam ser contadas novamente mesmo que de outras maneiras e com outros sentidos.

Fizemos um movimento de escuta e percebemos como esse tempo pandêmico ecoa em nós. Um tempo/espço de distanciamento social que nos impôs a introspecção. Olhamos intimamente nossas crenças, aquelas que tratávamos sem perceber como verdades propuloras dos nossos fazeres como seres humanos na vida e no trabalho, na relação com outros seres. Hoje, muitas dessas crenças já não trazem respostas para o problema que está posto.

O isolamento impôs outras formas de ouvir que nos fez pensar sobre o lugar do outro. Estamos aprendendo a nos constituir diante de um novo normal que se revela como algo desafiador. Mais do que nunca percebemos que só estamos afastadas fisicamente, contudo, há fios que nos conectam: a reinvenção do fazer docente em diálogo com a abordagem teórico-metodológica (auto)biográfica que nos recarregam de esperança.

Enquanto escrevemos e partilhamos nossas narrativas, nos comprometemos também com um modo de fazer ciência, de construir conhecimento, de compreender a formação humana e docente dentro de uma perspectiva complexa, mas que nos insere enquanto sujeitos e protagonistas de nossas histórias e de nossos fazeres. A experiência da escrita

do dossiê nos permitiu uma tessitura consistente de tramas e enredos que se articularam ao longo deste trabalho reverberando aquilo que de mais intenso e potente tem vibrado em nossas vidas. Nossos lampejos de trajetórias de vida e formação encontraram, nesse espaço fértil, eco para nossas resistências, nossas lutas políticas e epistemológicas por práticas cada vez mais instituintes e emancipatórias que colocam o foco nos sujeitos e, consequentemente, na vida.

Referências

- BARBIERI, Stela. **Interações: onde está a arte na infância?** 3.ed. São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda., 2017.
- BARROS, Manoel. **Exercício de ser criança.** Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução de Sérgio Paulo Rouanet; 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas; v. 1).
- BOCCACCIO. **Decamerão.** Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 2003.
- BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- CUNHA, Maria Isabel da. Narrativas de Formação de Professores: Uma Abordagem Emancipatória. In: SOUZA, Elizeu C. e GALLEGÓ, Rita de Cássia (org.). **Espaços, Tempos e Gerações: perspectivas (auto)biográficas.** Ed. Cultura Acadêmica, 2010. p. 199-214.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectivas metodológicas. In: Abrahão, Maria Helena Menna Barreto; PASSEGI, Maria da Conceição (Orgs.). **Dimensões epistemológicas da pesquisa (auto) biográfica:** Tomo I. Natal: EDUFRRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012. p. 71-93.
- FERRAROTTI, Franco. **Sobre a autonomia do método biográfico.** In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Mathias. (Org.) O método (auto) biográfico e a formação. São Paulo\Natal: Editora da UFRN; Paulus, 2014.
- GUIMARÃES ROSA, João. **Grande Sertão:** Veredas. 5 ed. Liv. José Olympio, 1967.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação.** 2 ed. EDUFRRN. 2010.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- MARINAS, José Miguel. **La escucha em lá história oral: palavra dada.** Editorial Síntesis, 2007.
- NÓVOA, Antônio. Conversa com Antônio Nóvoa - **A Educação em tempos de pandemia** (COVID-19/Coronavirus). Canal do YouTube, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/FNF7iDpflo>. Acesso em: 15 jul. 2020.
- NÓVOA, Antônio. **Profissão professor.** 2ª Ed. Portugal: Porto editora. 1999.
- NÓVOA, Antônio; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação.** Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- NÓVOA, Antônio. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org). **O método (auto)biográfico e a formação.** Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 143-175.
- OLIVEIRA, Martha Khol de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: Um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 1997.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. A formação do formador na abordagem autobiográfica. A experiência dos memoriais de formação. In: SOUZA, Elizeu Clementino. **Tempo, narrativas e ficções: a invenção de si.** Porto Alegre: EDIPUCRS, Salvador: EDUNEB, 2006. p. 203-218.
- PÉREZ, Carmen Lúcia Vida (Org.). **Experiências e Narrativas em Educação** Série: Experiências e narrativas. Niterói: Eduff, 2017.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. Tradução Vania Cury. São Paulo: Editora Paz & Terra, 2012.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago e SOUZA, Rafael de. Conversa como metodologia de pesquisa - uma metodologia menor? *In*: SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago e SOUZA, Rafael de (Orgs.).

Conversa como metodologia de pesquisa: por que não? – Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. p. 21-40.

TERRAGROSA, Apolline. Da arte e da narração à sensível textura de nós. *In*: MARTINS, Raimundo; TOU-

RINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino (orgs.) **Pesquisa Narrativa**: interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2017. p. 303-321.

VIGOTSKI, Lev S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico: livro para professores. Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2010.

Recibo em: 03/08/2020

Revisado em: 29/08/2021

Aprovado em: 01/10/2021

Ana Paula Santos Lima Lanter Lobo é doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora assistente do curso de Pedagogia da Universidade Estácio de Sá. Professora colaboradora do curso de pós-graduação em Pedagogia Social para o Século XXI na UFF. Técnica em Assuntos Educacionais da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (Proaes) da UFF. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Processos de Formação Institucionais (Gepprofi) da UFF. E-mail: anapaulalanter@gmail.com

Joelma da Conceição da Silva Henrique e Souza é mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora de apoio especializado do município de São Gonçalo, Fundação Municipal de Educação de Niterói. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa de Processos Institucionais de Formação (Gepprofi) da UFF. E-mail: joelmacshs89@gmail.com

Adriana Pires de Arezzo é doutoranda em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) da Universidade Candido Mendes (UCAM). Professora assistente do Centro Universitário LaSalle-RJ (Unilasalle-RJ). Professora do Ensino Médio da Secretaria Estadual de Educação (SEEDUC-RJ). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa de Processos Institucionais de Formação (Gepprofi) da UFF. E-mail: adrianaarezzo@gmail.com

Verônica Fabiola Neves Rodrigues é mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora da Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Niterói (RJ). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa de Processos Institucionais de Formação (Gepprofi) da UFF. E-mail: veronicafabiola@id.uff.br

Penha Mabel Farias do Nascimento é doutoranda em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pedagoga da Fundação Municipal de Educação (FME) de Niterói. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa de Processos Institucionais de Formação (Gepprofi) /UFF. E-mail: penhamabel@gmail.com

Andreia Viana da Silva Diniz é mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora do Curso Normal do Instituto de Educação Clélia Nanci, Fundação Municipal de Educação (FME). Pedagoga do Programa Criança na Creche da Secretaria Municipal de Educação, Ciência e Tecnologia de Niterói. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa de Processos Institucionais de Formação (Gepprofi) da UFF. E-mail: wilderandrea2@gmail.com